

serrrote

UMA REVISTA DE ENSAIOS, ARTES VISUAIS, IDEIAS E LITERATURA Angela Alonso, Antonio Trilla, Beatriz Bracher, Charles D'Ambrosio, David Hare, Fernando de Barros e Silva, Freeman Dyson, Henry James, Hildegard Rosenthal, James Ensor, João Wainer, Joseph Epstein, Julio Cortázar, Lorenzo Mammì, Martin Munkácsi, Nina Horta, Pico Iyer, Robert Louis Stevenson, Rodrigo Naves, Roland Barthes, Samuel Titan Jr., Thomaz Farkas, Virginia Woolf, Walker Evans e Walter Sickert



IMS



INSTITUTO MOREIRA SALLES

Walther Moreira Salles (1912-2001)

FUNDADOR

DIRETORIA EXECUTIVA

João Moreira Salles

PRESIDENTE

Gabriel Jorge Ferreira

VICE-PRESIDENTE

Francisco Eduardo de Almeida Pinto

DIRETOR TESOUREIRO

Mauro Agonilha

Raul Manuel Alves

DIRETORES EXECUTIVOS

serrote é uma publicação do Instituto Moreira Salles que sai três vezes por ano: março, julho e novembro.

COMISSÃO EDITORIAL Daniel Trench (DIRETOR DE ARTE), Flávio Pinheiro, Mariana Lanari (EDITORA DE IMAGENS), Matinas Suzuki Jr., Rodrigo Lacerda e Samuel Titan Jr.

ASSISTENTE DE ARTE Carol Soman

PRODUÇÃO EDITORIAL Acássia Correia

PRODUÇÃO GRÁFICA Aldir Mendes

ARQUIVOS DO IMS Cristina Zappa e Bruna Stamato (Rio); Virgínia Albertini (São Paulo)

PREPARAÇÃO DE TEXTOS Denise Pessoa, Flávio Cintra do Amaral, Laura Rivas e Sandra Brazil

PREPARAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS Joanna Americano Castilho, Daniel Arruda e Ipsis Gráfica e Editora

REVISÃO Denise Pessoa e Flávio Cintra do Amaral

CHECAGEM Luiz Arturo Obojes

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO Leticia Nascimento / imprensa@ims.com.br

© Instituto Moreira Salles

Av. Paulista, 1294/14º andar São Paulo SP Brasil 01310-915

tel. 11.3371.4455 fax 11.3371.4497

www.ims.com.br

N.º 3 Novembro 2009

JORNALISTA RESPONSÁVEL Matinas Suzuki Jr.

IMPRESSÃO Ipsis Gráfica e Editora

As opiniões expressas nos artigos desta revista são de responsabilidade exclusiva dos autores. Os originais enviados sem solicitação da **serrote** não serão devolvidos.

ASSINATURAS 11.3971.4372 ou assinatura@revistaserrote.com.br

www.revistaserrote.com.br

leitor@revistaserrote.com.br

Imagem da capa e da quarta capa:
Foto tirada durante as filmagens do documentário "Subterrâneos do futebol", do qual Thomaz Farkas foi o produtor e fotógrafo, na várzea do rio Tietê. São Paulo/SP, 1964. © Autoria não confirmada / Acervo Instituto Moreira Salles
Imagem da página anterior: James Ensor, *Estudo para Os bons juízes*, 1891

"Le Sport et les hommes", by Roland Barthes (Presses de l'Université de Montréal, 2004). © 1959, Roland Barthes. Todos os direitos reservados. Reimpresso sob permissão de Presses de l'Université de Montréal. "Screenwriter" ["O roteirista"], extraído de *The Dead Fish Museum* [O museu do peixe morto] (Vintage Books, 2006; no Brasil, Grúia Livros, no prelo). © 2006, Charles D'Ambrosio. Originalmente publicado na revista *The New Yorker*. Todos os direitos reservados. Reimpresso sob permissão de Mary Evans Inc. "The Scientist as Rebel", extraído de *The Scientist as Rebel* (*The New Yorker Review Books*, 2006). © 2006 NYREV, Inc. Reimpresso sob permissão de *The New Yorker Review Books*. "Charmed, I'm Sure", extraído de *Fred Astaire* (Yale University Press, 2008). © 2008, Joseph Epstein. "Cortázar: el boxeo y el jazz, dos pasiones de cronopios", extraído do endereço eletrônico www.nod05.org/Cortazar-el-boxeo-y-el-jazz-dos.html. Todos os esforços foram envidados para localizar os detentores dos direitos sobre esse texto. Agradecemos qualquer informação a respeito. *Walter Sickert: A Conversation*, by Virginia Woolf (The Hogarth Press, 1934). © The Society of Authors, representantes do espólio de Virginia Woolf. "Wall: A Monologue", by David Hare, publicado originalmente no *The New Yorker Review of Books*, v. 56, 30.04.2009. © David Hare/ NYRB / The New York Times Syndicate. "Nowhere Need Be Foreign", extraído da revista *Lapham's Quarterly*, v. II, n. 3. © 2009 by Pico Iyer. Agradecimentos: Kiko Farkas, Fátima Argon, Chandler Davis e Simone Davis.

CORPOS EM MOVIMENTO 1 Escrito em 1961 para o documentário *O esporte e os homens*, do canadense Hubert Aquin, este texto do pensador francês traz um novo olhar sobre as competições esportivas

O que é o esporte?

ROLAND BARTHES

Que necessidade têm esses homens de atacar? Por que ficam perturbados diante desse espetáculo? Por que dão tudo de si? Por que esse combate inútil? O que é o esporte?

Embora a tourada seja quase um não esporte, talvez seja o modelo e o limite de todos os esportes; elegância da cerimônia, regras estritas de combate, força do adversário, ciência e coragem do homem, todo nosso esporte moderno está nesse espetáculo de outras eras, herdado dos antigos sacrifícios religiosos. Mas esse teatro é falso: nele, morre-se de verdade. O touro que adentra a arena vai morrer; e, justo por essa morte ser fatal, a tourada é uma tragédia. Essa tragédia será representada em quatro atos, cujo epílogo é a morte.

Em primeiro lugar, os passes de capa. Convém conhecer o touro, isto é, jogar com ele: provocá-lo, esquivar-se, envolvê-lo sutilmente, em suma, certificar-se de sua aquiescência em combater, ele também, dentro das regras.

Em seguida, os picadores: ei-los entrando a cavalo ao fundo, ao longo do alambrado. Têm como função cansar o animal, desencorajar suas investidas para reduzir seu excesso de violência em relação ao homem.

Terceiro ato: as *banderillas*.

À esquerda, o legendário "matador" Luis Miguel Dominguín, em sua volta à arena para as filmagens de *A volta ao mundo em 80 dias*, dirigido por Michael Anderson, em 1955. © David Seymour/Magnum Photos/Latinstock

Um homem solitário, sem outra arma a não ser um fino espeto enfeitado com fitas, irá incitar o touro: chamá-lo..., espetá-lo de leve..., esquivar-se com desenvoltura.

E chega então o último ato. O touro continua o mais forte e, não obstante, morrerá sem apelação... A tourada dirá a todos os homens por que eles são os melhores. De imediato, porque a coragem do homem é consciente: sua coragem é a consciência de um medo, livremente aceito, livremente superado.

A segunda superioridade do homem é sua ciência. O touro não conhece o homem, o homem conhece o touro, prevê seus movimentos, seus limites. Pode conduzir seu adversário ao lugar por ele escolhido, e, se esse lugar é perigoso, ele sabe disso; essa foi sua vontade.

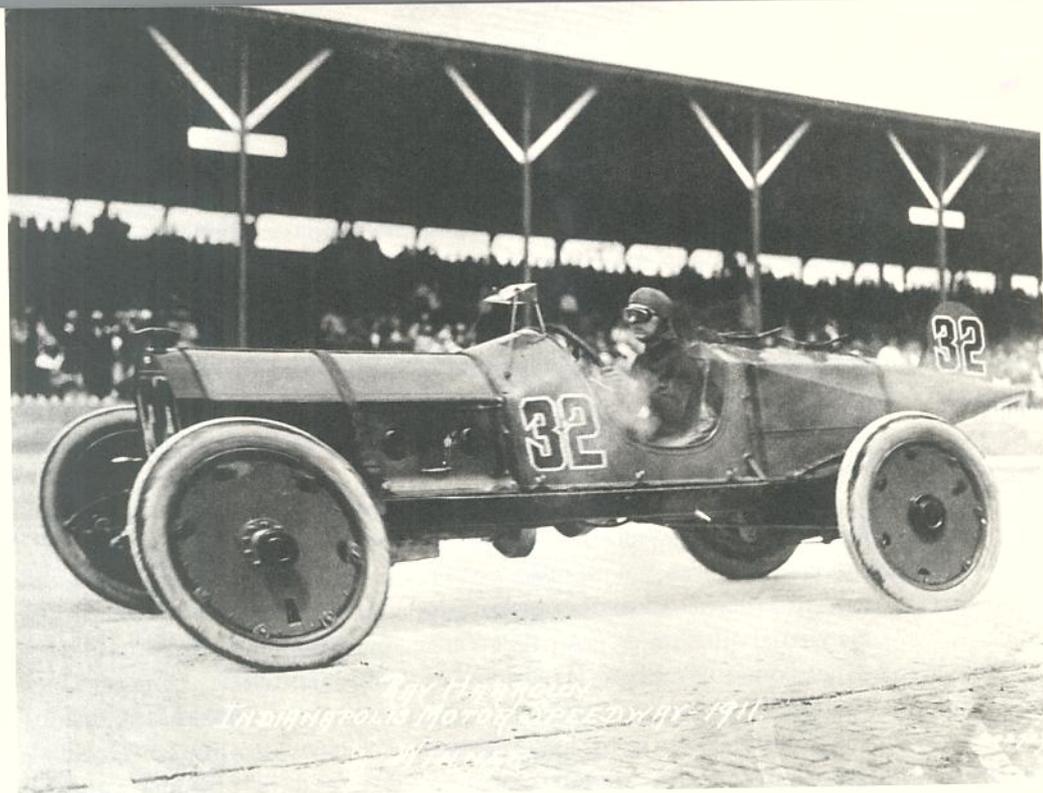
Existe algo mais no trabalho do toureiro: o estilo. O que é o estilo? É fazer de um ato difícil um gesto gracioso, é introduzir ritmo na fatalidade. É ser corajoso sem desordem, é dar ao que é necessário a aparência de liberdade. Coragem, ciência e beleza, eis o que o homem opõe à força do animal, eis a prova humana, cujo prêmio será a morte do touro.

Assim, o que a multidão glorifica no vencedor, atirando-lhe flores e presentes, que ele graciosamente retribui, não é a vitória do homem sobre o animal, pois o touro é sempre vencido; é a vitória do homem sobre a ignorância, o medo, a necessidade. O homem ofereceu sua vitória em espetáculo para que ela se tornasse a vitória de todos aqueles que o veem e se reconhecem nele.

E no grande piloto do automobilismo, quem ela irá encontrar? O vencedor de um inimigo bem mais sutil: o tempo. Nesse caso, toda a coragem e a ciência do homem vão se exercer sobre uma coisa: a máquina. Com ela, o homem vencerá, mas talvez, também com ela, morrerá. Dessa forma, aqui a relação entre o homem e a máquina é bem mais cautelosa: o que funcionará com muita rapidez deve em primeiro lugar ser testado bem lentamente, pois a velocidade não passa de uma recompensa pela extrema lentidão; antes de mais nada, as marchas precisam ser testadas, pois muito será exigido delas: até 2.500 mudanças de velocidade por hora; é preciso também examinar cuidadosamente e se sentir senhor do lugar da prova: desde o início, ter o controle da pista, seus ângulos, suas curvas, seus níveis...

Em seguida, testar, correr sozinho, sem outro inimigo a não ser o tempo, e enfrentar esse tempo, bem como máquina e terreno, pois são eles, os três simultaneamente, que o piloto deve vencer em primeiro lugar antes de triunfar sobre seus rivais humanos.

Enfim, o mais importante, é preciso preparar o motor. E sua riqueza, como a de um cérebro genial, é embaraçosa: aqui, serão 12 velas trocadas a cada cinco voltas.



1. O Autódromo Internacional de Sebring é considerado a mais antiga pista de automobilismo dos EUA. Sua corrida mais importante são as 12 Horas de Sebring, disputada, todos os anos, no terceiro sábado de março. Em 1956, a prova foi vencida por Juan Manuel Fangio pilotando, ao lado de Eugenio Castellotti, a Ferrari de número 17. No ano seguinte, Fangio voltou a vencer as 12 Horas, desta vez pilotando uma Maserati. [N. do E.]

Em 1911, o primeiro vencedor da Fórmula Indy, Ray Harroun, pilotando um Marmon Wasp; sua velocidade média era de 120 km/h © Bettmann/Corbis/Latinstock

Estamos em Sebring,¹ na Flórida; é uma prova de 12 horas, mobilizando carros de vários tipos. Assim que for dada a largada, uma economia implacável regerá cada átomo de movimento, pois o tempo agora está em toda parte.

Nas retas, prevalece o esforço do motor, mas esse esforço permanece humano à sua maneira: nele estão depositados o trabalho, a invenção e o cuidado de dezenas de homens que prepararam, sofisticaram e resolveram a mais difícil das equações: uma potência extrema, uma resistência mínima, seja a do peso ou a do vento.

Nas curvas, porém, afora a suspensão da máquina, é o piloto quem faz tudo; pois, nesse caso, o espaço atua contra o tempo. Convém, então, saber burlar o espaço, decidir se o cultivamos..., ou se o suprimimos bruscamente; e essa aposta deve ser levada às raias do impossível.

Não é apenas o piloto que luta contra o tempo, é toda sua equipe. Em Sebring, a pista é um antigo aeródromo, os pneus se desgastam logo; algumas equipes conseguem fazer a troca em um minuto e meio; a elas caberá também uma parcela da vitória final. Nessa luta contra o tempo, por mais terrível que seja seu eventual castigo, não há nenhuma fúria: apenas uma imensa coragem dirigida contra a inércia das coisas. Assim, a morte de um piloto é infinitamente triste, pois não é apenas um homem que morre, é um pouco de perfeição que

desaparece deste mundo. Mas é precisamente por essa perfeição ser mortal que ela é humana. Assim que tudo estiver perdido por aqui, outros homens recomeçarão ali.

É aqui a largada de um dos grandes prêmios mais importantes do mundo; uma das provas mais sérias, já que quanto mais potente a máquina, mais pesada ela é, e é preciso extrair o máximo de velocidade dessa contradição; logo, não existe ignição nessas máquinas: suprimir uns poucos quilos é ganhar alguns segundos.

São esses preparativos para a largada que conferem sentido à corrida automobilística: o sentido de uma vitória sobre a força da gravidade e a inércia das coisas. Em repouso, essas máquinas são pesadas, passivas, difíceis de deslocar: como um pássaro atrapalhado com suas asas, é sua potência virtual que lhes dá peso. Entretanto, mal se alinham, próximas de sua função que é o combate, já perdem peso, impacientam-se... Uma vez lançadas, essas máquinas transformarão pouco a pouco sua massa em agilidade e seu peso em potência; tão logo entram em seu elemento, que é a velocidade, envolvem com ela o mundo inteiro, nos terrenos e circuitos mais variados; Nürburgring, o mais perigoso, Mônaco, o mais tortuoso, Monza, o mais extenuante, Spa, o mais rápido.

Parar é quase morrer. Se a máquina estiver doente, é recomendável informar seu dono com discrição. Pois um grande piloto nunca doma sua máquina, ele a cativa; não é apenas aquele que vence, é também aquele que não destrói nada. Uma máquina fora da pista é a tristeza de uma criatura que morre e não podemos substituir, mesmo quando a vida continua ao redor.

Eis o que significa uma grande corrida: que a força mais veloz não passa de uma soma de paciências, ponderações, sutilezas, atos infinitamente precisos e infinitamente exigentes.

O que esse homem fez foi conduzir a si próprio e a sua máquina ao limite do possível. Arrancou sua vitória não a seus rivais, mas, ao contrário, com eles, sobre a obstinada força gravitacional das coisas: o mais mortífero dos esportes é também o mais generoso.

Todo ano, no mês de julho, realiza-se na França um grande evento que mobiliza a nação de ponta a ponta: o ciclístico Tour de France. Estrelas consagradas... Uma dezena de equipes, regionais ou nacionais... Um mês de corrida, cerca de 20 etapas. Uma largada tão solene quanto uma revista militar ou a chegada de um chefe de Estado.

Passeios deliciosos seguidos de grandes combates, aquela alternância espontânea de esforços sérios e preguiça distraída, tão peculiar aos franceses; drama, humor, emoções, eis o espetáculo prodigioso que tem início nessa manhã de verão, quando o grande exército de ciclistas e torcedores inflama-se lentamente.

Por sua extensão, o Tour está enraizado nas profundezas da França; nele, todos os franceses revivem suas casas e seus monumentos, seu presente rural e seu passado arcaico. Dizem que o francês tem um pouco de geógrafo: sua geografia não é a dos livros, é a do Tour. Todo ano, com o Tour, ele se informa da extensão de seu litoral e da altitude de suas montanhas. Todo ano ele refaz a unidade material de seu país, inventariando suas fronteiras e seus produtos.

O teatro de guerra: a França inteira. O cenário: uma grande batalha; todo um exército de torcedores atuando como estado-maior e intendência. Esse exército tem seus generais, de pé, olho pregado no horizonte. Tem sua cavalaria ligeira, encarregada das comunicações, tem seus pensadores e seus matemáticos... tem seus soldados... seus historiadores... e seus correspondentes de guerra.

Tem também, e sobretudo, sua intendência: seus comboios pesados, abarrotados de suprimentos, máquinas ou víveres. Pois, sem parar um só instante, é necessário beber e comer.

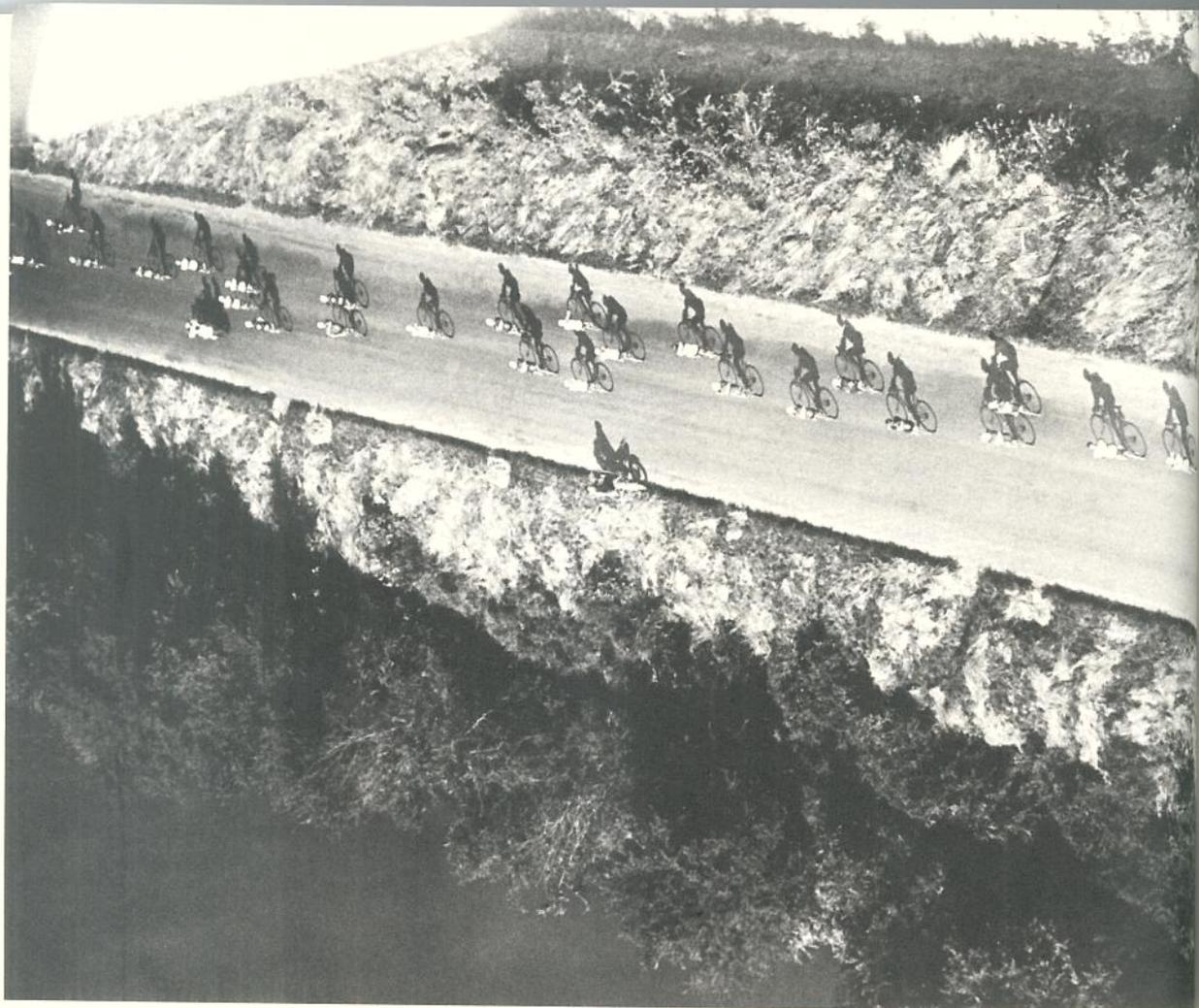
Como nas velhas imagens de guerra, todos oferecem uma bebida ao combatente que avança... E, apesar de os ciclistas não poderem beber vinho, é fundamental a presença do vinho no Tour, pois o Tour é toda a França. Essa grande guerra de um mês é feita de campanhas sucessivas. Cada dia tem sua batalha, cada noite tem seu vencedor: água, flores, beijos... tudo isso antes de o vencedor do dia envergar a camiseta amarela, insígnia ritual de sua vitória. A guerra tem seus momentos serenos, o Tour tem seus momentos felizes: como nos combates arcaicos, à noite as armas são depostas, tudo retorna à tranquilidade; é o repouso, são os cuidados dispensados ao guerreiro.

É a dança na praça... É a multidão passeando e se divertindo ao ver o imenso cortejo publicitário que acompanha o Tour.

É o relato da epopeia do dia, que o Tour espalha por toda a França, pois o Tour tem seus escritores... e seus poetas inspirados. Um pouco mais adiante, é a refeição fraternal dos combatentes, o comentário do chefe, o silêncio dos que lutaram bem. Em suma, é a preparação das armas para a próxima jornada. Pois amanhã, ao raiar do dia, tudo irá recomeçar.

É que, na verdade, o Tour não é apenas uma bela história, é também uma luta séria. Uma luta contra o quê? Contra homens e equipes, naturalmente. Porém, como quase sempre no esporte, esse combate é uma competição, não um conflito. Isso quer dizer que o homem deve vencer não o homem, mas a resistência das coisas.

E esse combate é de tal forma assunto de todos que, no Tour, a ajuda mútua subverte as barreiras entre espetáculo e combate: a multidão não apenas participa animadamente do esforço dos ciclistas: ela os ajuda, os alimenta, pedala com eles...



Ciclistas na quinta etapa do Tour de France, em 1937 © Bettmann/Corbis/Latinstock

Mas os próprios rivais, por sua vez, se unem quando um deles dá sinais de abandonar a competição. Pois é isso que está em jogo no Tour: resistir. Resistir à raiva, resistir ao sofrimento. Resistir, isto é, recomeçar. O verdadeiro inimigo do ciclista é o tempo. O tempo é muitas vezes o tempo dos outros. Mas há ocasiões, em certas etapas mais cruéis, em que ele é o tempo puro, o dos relógios.

O ciclista parte, sozinho; a cada segundo, irá o mais rápido possível, como se não existisse nada no mundo além do tempo e dele. Nunca sente sua vitória. É o relógio que, de modo abstrato, a comunica a ele. E é porque no esporte a resistência vem das coisas, e não dos homens, que os homens podem ajudar-se mutuamente com tanta facilidade, embora lutem entre si... Ajudar-se, isto é, às vezes esperar... e, às vezes, até mesmo empurrar-se. Pois o desafio do combate não está em saber quem possuirá o outro, quem destruirá o outro, mas quem subjugará melhor o terceiro inimigo comum: a natureza. Calor, frio, são esses excessos e, pior ainda, sua contradição, que o ciclista deverá enfrentar com um movimento uniforme e inflexível; é a resistência da terra que ele deve acrescentar à dos objetos...

A prova mais severa que a natureza impõe ao ciclista é a montanha. A montanha, ou seja, a gravidade. Ora, vencer a subida e o peso das coisas é estabelecer que o homem é capaz de apoderar-se de todo o universo físico. Mas essa conquista é tão árdua que o homem moral deve engajar-se nela plenamente. Eis por que – e o país inteiro sabe disso – as etapas de montanha são a chave do Tour: não tanto por determinarem o vencedor, mas por manifestarem abertamente a natureza do que está em jogo, o sentido da luta, as virtudes do combatente.

O fim de uma etapa de montanha é, portanto, resumo de toda a aventura humana:

Há os vencedores... Há os desafortunados... Há o desespero. Há a sabedoria.

Não, o músculo não constitui o esporte: eis o que diz o Tour de France. O músculo, por mais prestimoso, nunca passa de matéria-prima: não é ele que vence. O que vence é certa ideia do homem e do mundo, do homem no mundo. Essa ideia é a de que o homem determina plenamente seus atos, e seus atos não consistem em dominar outros homens, e sim em dominar as coisas.

De todos os países esportivos, o Canadá é um dos mais frios, e, apesar disso, de todos os esportes pedestres, o hóquei é o mais rápido: o esporte é esse poder de transformar cada coisa em seu contrário. E é desse milagre renovado que todo um país participa, com suas multidões, sua imprensa, seu rádio, sua televisão: por trás do combate antes do combate, por mais rude que este seja, há a relação física de uma terra com seus habitantes.

O que é um esporte nacional? É um esporte que brota da própria matéria de uma nação, isto é, de seu solo e de seu clima. Jogar hóquei é repetir constantemente que os homens transformaram a imobilidade do inverno, a terra ressequida, a vida suspensa, e que, de tudo isso, fizeram, precisamente, um esporte alegre, vigoroso, apaixonado.

As crianças parecem brigar, não fazem senão aprender a viver em seu país, e o que o olho das mães acompanha nos primeiros gestos adultos de sua prole é menos a sorte de uma batalha do que o desenvolvimento de uma iniciação. Essa lei primordial do clima revela-se por inteiro no gesto que prepara o espaço do combate: um pouco de água solidificada, e o hóquei é possível. Falta apenas transformar esse espaço no objeto de uma regra, ou seja, de uma estratégia, de uma ideia. Nesse esporte veloz, o pensamento só pode ser reflexo, e esse reflexo é aprendido como os demais. Todas as manobras previsíveis são objeto de uma aula: ser oportunista, conduzir o que está em jogo através de mil obstáculos; aprende-se também a marcar um gol... e a parar.

Eis o que irá vigorar na partida que começa. Uma regra comanda o jogo: nenhum jogador pode penetrar no lado adversário antes do disco;



tinstock

eles dá sinais de resistir. Resistir verdadeiro inimigo. Mas há oca- o, o dos relógios. rápido possível, le. Nunca sente ele. E é porque que os homens ora lutem entre no empurrar-se. i o outro, quem inimigo comum: ontradição, que e inflexível; é a

daí o aspecto irresistível, libertador, dessas grandes deflagrações coletivas. Dir-se-ia que os homens são aspirados não pela meta adversária, mas pelo objeto malicioso que os conduz a ela. As manifestações corais do público marcam o ritmo da duração esportiva. Com seus gritos em uníssono, o público comenta o espetáculo. Todos os valores morais podem ser investidos no esporte: resistência, sangue-frio, temeridade, coragem. Os grandes jogadores são heróis, e não estrelas.

Um gol marcado é, como em todos os esportes, uma grande vitória. Porém, no hóquei, o jogo é tão veloz, o disco, tão sutil, que um gol perdido não é somente uma derrota, é quase uma ferida, lancinante como um tiro: pois o fracasso do homem é ainda mais doloroso diante do triunfo das coisas imponderáveis do que diante das coisas pesadas.

O gol está vazio. Por quê?

É que o hóquei é um jogo ofensivo, no qual o prazer do ataque justifica todos os riscos. Às vezes, o técnico de um time decide desguarnecer sua meta para aumentar em um combatente sua linha de ataque, levando dessa forma, sem se intimidar, a guerra às linhas inimigas.

Por sua própria pujança, esse esporte vive à beira da ilegalidade: o jogo corre o risco incessante de ser mais rápido do que a consciência e extrapolá-la. Produz-se então uma espécie de provação do esporte pelo absurdo: é o escândalo esportivo. Esse escândalo se dá quando os homens rompem a tênue barreira que separa os dois combates: o do esporte e o da vida. Tendo perdido toda intermediação, privado de desafio e de regra, o combate dos jogadores deixa de ser submetido à distância sem a qual não há sociedade humana: volta a ser um conflito.

O esporte reingressa, então, no mundo imediato das paixões e agressões, arrastando a multidão que vinha justamente lhe pedir para ser purificada. O esporte é toda a distância que separa um combate de um motim.

Chove na Inglaterra e, apesar disso, todo o país está na rua. Por quê? Tem futebol em Wembley. Como em todos os grandes espetáculos esportivos, o ritual de abertura é observado com solenidade. Em determinadas épocas, em determinadas sociedades, o teatro teve uma grande função social, reunindo a cidade inteira numa experiência comum: o conhecimento de suas próprias paixões. Hoje é o esporte que, à sua maneira, exerce essa função. Paralelamente, a cidade cresceu: não é mais uma metrópole, é um país, muitas vezes até o mundo inteiro; o esporte é uma grande instituição moderna baseada nas formas ancestrais do espetáculo.

Por quê? Por que amar o esporte? Convém em primeiro lugar lembrar que tudo o que acontece com o jogador também acontece com o espectador. Porém, se no teatro o espectador não passa de um observador, no esporte ele é um ator. Além disso, no esporte, o homem não enfrenta diretamente

o homem; há entre eles um intermediário, algo que está em jogo, máquina, disco ou bola. E essa coisa é o próprio símbolo das coisas; é para possuí-la, dominá-la, que se é forte, habilidoso, corajoso. Assistir, aqui, não é apenas viver, sofrer, ficar na expectativa, compreender, mas também – e sobretudo – o que se diz, com a voz, o gesto, o rosto; é tomar o mundo inteiro como testemunha. Resumindo, é comunicar-se. Por fim, há no homem forças, conflitos, alegrias e angústias: o esporte os exprime, liberta, queima, sem nunca permitir que destruam alguma coisa.

No esporte, o homem vive o combate fatal da vida, mas esse combate é afastado pelo espetáculo, reduzido em suas formas, despojado de seus efeitos, de seus perigos e de seus pudores: ele perde sua nocividade, não seu brilho ou seu sentido.

O que é o esporte? O esporte responde com outra pergunta: quem é o melhor? Mas o esporte dá um novo sentido à questão dos antigos duelos: pois a excelência do homem só é buscada aqui em referência às coisas. Quem é melhor para vencer a resistência das coisas, a imobilidade da natureza? Quem é o melhor para trabalhar o mundo e oferecê-lo aos homens... a todos os homens? Eis o que diz o esporte. Às vezes, queremos fazê-lo dizer outra coisa. Mas o esporte não foi feito para isso.

Que necessidade têm os homens de atacar? Por que ficam perturbados diante desse espetáculo? Por que dão tudo de si? Por que esse combate inútil? O que é o esporte? O que, então, os homens colocam no esporte? Eles mesmos, seu universo de homem. O esporte é feito para relatar o contrato humano.

ROLAND BARTHES (1915-1980), semiólogo, crítico, pensador e escritor francês, influenciou decisivamente a crítica literária e a reflexão cultural em todo o mundo a partir dos anos 1950. Entre as suas obras mais importantes, encontram-se *Elementos de semiologia* (Cultrix, 1996), *Crítica e verdade* (Perspectiva, 1999), *O prazer do texto* (Perspectiva, 2002), *Mitologias* (Difel, 2003), *Fragmentos de um discurso amoroso* (Martins Fontes, 2003), *O grau zero da escrita* (Martins Fontes, 2004), *O rumor da língua* (Martins Fontes, 2004), *Império dos signos* (Martins Fontes, 2007), *O sistema da moda* (Martins Fontes, 2009). “O que é o esporte?” não está incluído nas obras completas de Barthes publicadas pela Seuil. Foi encomendado pela Canadian Broadcasting Corporation, três anos depois da publicação de *Mitologias* (1957), para o documentário de Hubert Aquin que integraria a série “Comparaisons”. Pelas ideias iniciais sobre o documentário – um retrato psicológico e poético de esportes nacionais como a tourada (Espanha), o hóquei sobre o gelo (Canadá), o automobilismo (EUA), o ciclismo (França) e o futebol (Inglaterra) –, Roland Barthes recebeu 250 dólares; pelo texto final, mil dólares.

TRADUÇÃO DE ANDRÉ TELLES